



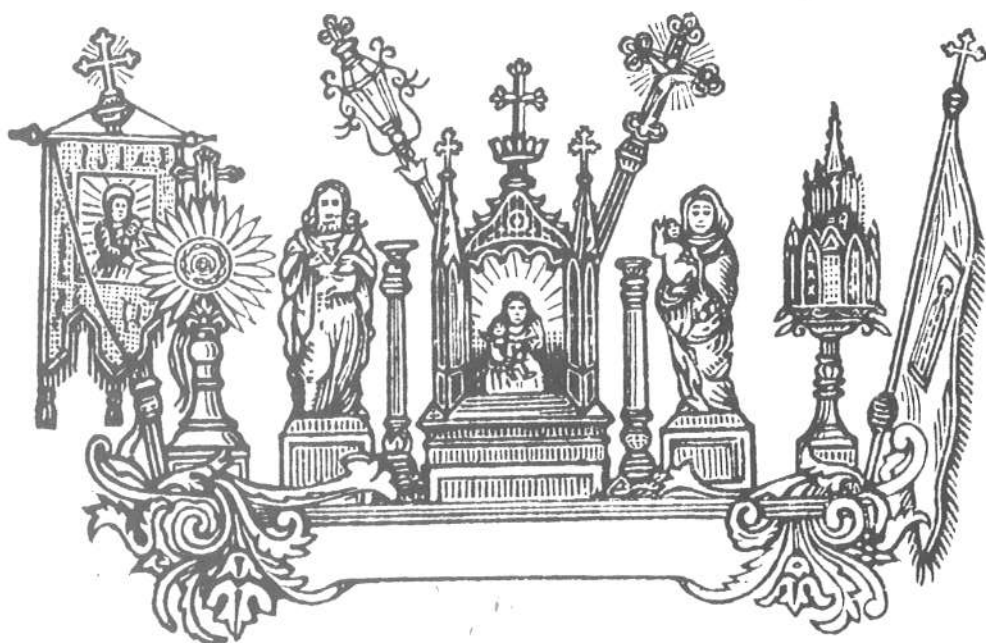
ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS NO CONCELHO DA GUARDA

A singularidade de uma tradição secular

encomendação das Almas

no concelho da Guarda
a singularidade de
uma tradição secular

OFERTA





uma tradição a não esquecer

A história e a cultura são dois recursos estratégicos que a cidade e o concelho da Guarda registam e que têm vindo a constituir uma aposta para que sejam valorizados e incrementados com o objectivo de afirmar a Guarda enquanto capital cultural do interior. É essa uma das nossas vocações, e tem que ser essa uma das nossas características distintas.

estamos certos que, num mundo global, cada lugar, cada comunidade, não pode projectar-se de outro modo que não seja o da expressão da sua cultura, da sua identidade, das suas tradições e da sua inteligência criativa.

Manifestação popular de carácter religioso, a "encomendação das Almas" persiste em diversas freguesias do concelho da Guarda, juntando grupos de homens e mulheres que, uestidos de negro, saem pela calada da noite, teimando em fazer sobreviver um ritual cuja origem se perde no tempo.

esta tradição decorre na época da quaresma, quando grupos de pessoas saem à rua, durante a noite, rezando e cantando pelas almas dos mortos. os "encomendadores" rezam pelas almas do purgatório, pedem intercessão pelas almas dos que já morreram e reciprocamente, pedem que as almas intercedam pelos que fazem as orações.

trata-se, efectivamente, de um acontecimento secular que importa preservar e reavivar, pela singularidade, pelo interesse etnográfico e pelo envolvimento comunitário de que se reveste. A câmara municipal da Guarda tem vindo a promover encontros de "encomendação das Almas" em diversas freguesias do concelho, incentuando a continuidade desta tradição.

A edição do catálogo "encomendação das Almas no concelho da Guarda - A singularidade de uma tradição secular" que agora se dá à estampa é mais um contributo para a preservação da cultura e tradição populares do nosso concelho.

um agradecimento especial aos grupos e colectividades que participam, à dra. Antonieta Garcia, pelo enquadramento desta manifestação religiosa e ao sr. cónego Manuel Geada Pinto, que se disponibilizou a explicar este ritual do ponto de vista religioso, bem como a transcrever as pautas destes cantares, preservando desta forma a memória e as tradições orais das populações.

A todos os que contribuem para a afirmação e preservação da identidade cultural das nossas terras um sincero Bem-haja!

Joaquim Carlos Dias Valente
presidente da câmara municipal da Guarda



o maior enigma da vida humana é a morte. desde sempre, o problema da morte levantou, em todas as culturas, a nível antropológico, filosófico, teológico, interrogações para as quais se procuraram respostas, sendo omnipresente e constante a recusa da morte como fim da existência humana.

As religiões, laços com o sobrenatural e com os humanos, deram sempre a resposta adequada à crença na vida para além da morte. encontramos claros vestígios, em todas as civilizações, da rejeição do homem face à morte como solução da vida.

Mas, se a morte continua sendo o maior enigma da vida, a fé em Jesus Cristo transforma este enigma numa certeza de vida sem fim. ele próprio proclamou que foi enviado pelo Pai "a fim de que todo aquele que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna". Cristo acrescenta: "e eu o ressuscitarei no último dia". A fé na ressurreição dos mortos, elemento essencial da revelação cristã, implica uma visão particular do facto ineludível e misterioso que é a morte.

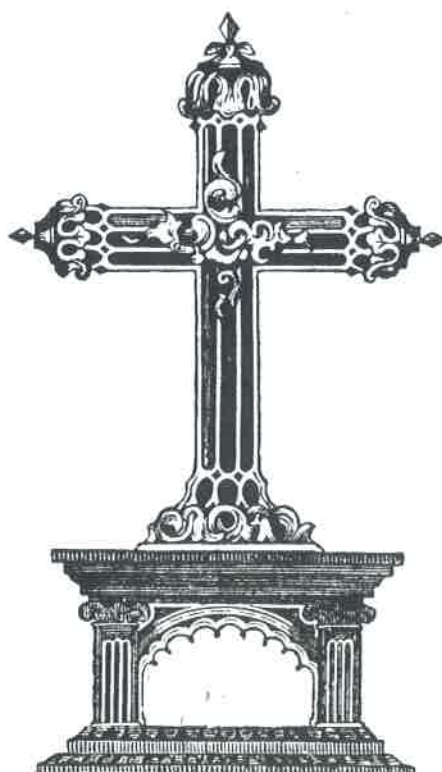
Na liturgia, são frequentes os sufrágios pelos defuntos. Mas a liturgia é um quadro de actos rituais de algum modo adstritos à classe sacerdotal e, até ao Concílio Vaticano II, usando quase exclusivamente as línguas latina ou grega, o que impedia a participação activa do povo de Deus, a não ser como assistente. Por isso, os fiéis cristãos, sentindo também a necessidade de ser intervenientes, criaram "liturgias populares" que, em sintonia com o credo, exprimem a vivência existencial da fé. Particularmente expressivas são as liturgias populares em sufrágio dos mortos que, entre nós, se chamam "encomendação das almas".

encomendar as almas, rezar pelas almas do purgatório, são actos da mais pura vivência da fé cristã na vida eterna, no destino do homem, após a morte. o costume de encomendar as almas verifica-se um pouco por toda a parte, no nosso país, sobretudo nos meios rurais, mas tem particular incidência nas beiras. é durante a quaresma que esta "liturgia popular" normalmente se realiza. por volta da meia noite, o grupo de "encomendadores e encomendadeiras" junta-se no adro ou no alto da povoação e começa a entoar, em tom magoado e arrastado, a melopeia em que se evocam as almas do purgatório que suplicam orações para alívio das suas penas, numa clara afirmação de comunhão entre vivos e mortos:

Acordai, que estais dormindo
nesse sono tão profundo:
rezemos um padre-nosso
pelas almas do outro mundo.

o núcleo de animação cultural da câmara municipal da guarda vem fazendo louváveis esforços por reanimar esta tradição tão popular e tão cristã, empenhando nessa iniciativa a participação de grupos populares de aldeia do bispo, marmeleiro, castanheira, quinta de gonçalo martins, maçainhas, faia, e s. miguel (guarda).

cónego manuel geada pinto



Canto nº 1

A - cor - da, - - - - - cris - tão, a - cor - da des - se so - no
 Que as al - mas do Pur - ga - tó - rio cla - mam ca - da
 em que es - tás; Se - ja pe - lo a - mor de Deus.,
 vez - - - - - mais.

Coda

Canto nº 2

Ben - di - ta e lou - - - - - va - da se - - - - - ja A Sa - gra - da Pai -
 De Nos - - - - - so Se - - - - - nhor Je - sus Cris - to Je -
 xão - - - - - sus - - - - - Je - sus - - - - - Cris - to.

Canto nº 3

Pas - sa - gei - ros que pas - sais, - - - - - Vós pas - sais e eu cá fi -
 co; Re - ze - mos um Pa - dre Nos - so, É o que eu mais ne - ces - si - to.

Canto nº 4

Re - cor - dai, ó pe - ca - do - - - - - res, Des - se so - no - -
 Re - ze - mos um Pa - dre Nos - - - - - so às al - mas do - -
 tão - - - - - pro - fun - do; Que es - - - - - te se - ja pe - lo a - mor de
 ou - - - - - tro mun - do.
 Deus.

Coda

Canto nº 5

Ó al- mas que es- tais dor - min- do Nes- se so - no
 Lem- brai- vos das ben- di - tas al- mas Que lá 'stão no
 tão pro- fun- do
 ou - tro mun- do.

Canto nº 6

Ó al - mas que es- tais dor - min - do Nes - se so - no em que es - tais, Re - ze -
 mos um Pa - dre Nos - so P' las al - mas dos nos - sos pais ---- Se - ja pe - lo a -
 mor de Deus, se- ja.

Canto nº 7

Re- cor - dai, que es - tais dor - min- do nes - se - so - no tão pro -
 fun- do, lem - brai - vos das ben - di - tas al- mas que lá ----
 'stão no ou... no ou - tro mun- do.



Nas aldeias da beira, pela quadragésima, punia-se o corpo com jejuns, a confissão purificava os pecadores, os altares uelauam-se com panos roxos, apagando as cores viuas da iconografia eclesial, homilias e sermões lamentauam martírios, a uia-sacra, o caluário... a preparar a ressurreição.

Mas outros tempos e crenças foram introduzindo alterações nas vulgatas, actualizando e reformulando rituais, textos, tradições... porque afinal, *"todas las religiones son nuevas todas las mañanas. Pues las religiones non existen en algún lugar del cielo, elaboradas, terminadas y estáticas; ellas existen en los corazones de los hombres"*¹. E na quadragésima, com a lua arredondada e a suavidade de aromas de março e abril a exalar-se assim na terra como no céu, ainda se ouuem cânticos na noite, nos lugares mais altos do pouoado, que soam como um pranto. O soar das matracas, as procissões lembram aos fiéis o padecimento e a paixão de Cristo. Com as janelas de portadas fechadas, e hailes escuros a negrejar lutos, mulheres encomendam as almas, suplicam:

*Acorda, cristão, acorda
desse sono em que estás,
As almas do Purgatório
clamam cada vez mais.* [Marmeleiro]

esta metáfora do sono enuolue que significados?

Reminiscências de cultos antiquíssimos, estes cantos desuelam fés e cerimónias de comunidades agrárias, guardadas de geração em geração. combinando textos de diferentes deuocões, uozes de gentes que dialogam com a diuindade, harmonizam elementos misteriosos. os textos abriram-se, interagiram com outros, numa influência que não é unidireccional. Aceitamos, por isso, a cautela de Gunkel face ao papel [...] da tradição oral na formulação das escrituras e [quando] propõe que muitos relatos bíblicos se concebam não como história, como recomenda a religião, mas como narrações poéticas que partilham o seu tema com nações da Europa e da Ásia².

1 - Wilfred Cantwell Smith in Mircea Eliade, Metodología de la historia de las religiones, Barcelona, Paidós, 1996, p.519.

2 - cit in Dañ Ben-Amos, "catégories analytiques et genres populaires", Poétique, n°19, Paris, Seuil, 1974, p.267.

fronteiras fluidas matizam a expressão da espiritualidade humana, ampliam ecos, sustentam valores... durante séculos. os cantos, aprendidos de cor [vale-nos a relação etimológica: *cor/ cordis*] implicam a pessoa e a ressonância da memória. tecidos com música e palavras que os crentes aceitam como divinas, favorecem a comunicação entre o humano e o sagrado e transportam indícios que informam sobre o contexto em que foram produzidos. Na verdade, lembram palimpsestos. A transmissão oral foi sobrepondo palavras que, na encomendação das almas, ocultam, numa primeira leitura, a ligação a rituais da chegada da primavera, do despertar e desabrochar das sementes, da vida, da natureza, após o inverno, uma "morte colectiva". cerimónias cristianizadas mantêm, todavia, traços que remetem para festiuidades primordiais, para um culto pagão.

Na verdade, a terra mãe, geradora de vidas e alimentos para as sociedades camponesas, era sagrada: *É a terra que eu cantarei, mãe universal com profundas raízes, avô venerável que nutre no seu solo tudo o que existe... És tu quem dá vida aos mortais, como és tu quem lhes tira a vida... Bem-aventurado aquele a quem tu honras com a tua benevolência! Para ele a vida é uma gleba de boa colheita, nos campos os seus rebanhos e a sua casa enche-se de riquezas*³.

cabia ao homem respeitá-la, estimular os seus favores. A primavera é o seu momento de ressurreição; tudo renasce, adquire novo vigor, a vida reconstitui-se, "...em resumo repete-se o acto primordial da criação cósmica, porque toda a regeneração é um novo nascimento, um regresso a esse tempo mítico em que apareceu, pela primeira vez, a forma que se regenera"⁴.

A **encomendação das almas** acontece nesse tempo que se quer de cumplicidade/intimidade entre as gentes e a terra mãe. Imploram-lhe a ressurreição das sementes. rituais enuolvidos pela vivência da páscoa cristã reuelam ainda aspectos do (...) universo mental dos mundos arcaicos (...) *conservados nos mitos, símbolos e costumes que, apesar de todo o género de degradação, deixam ver ainda claramente o seu sentido original* (...).

inicialmente só as mulheres entoavam estes cantos. sacerdotisas (com o dom do *sacer*, do sagrado), reprodutoras, eram íntimas da terra, da "*placenta cósmica*", da Grande Mãe. representação das forças da natureza, as mulheres partilhavam a magia vegetal e animal, reuelavam-se cúmplices das energias fertilizantes. o corpo feminino regulado pelas fases da lua, como as sementeiras, as chuvas, sustentou a crença numa energia que tudo abarca e que é necessário ora esconjurar, ora apaziguar para que o equilíbrio e a ordem se mantenham. e criaram-se, ritos, preces para euitar o caos e seuar as forças fertilizantes.

para encaminharem a prece colectiva, as crentes elegiam os lugares altos. acreditavam que, *as regiões superiores estão saturadas de forças sagradas. tudo quanto está mais próximo do céu*

3 - Homero apud Mircea Eliade, tratado de história das religiões, Lisboa, ASA, 1992, pp. 305, 306.

4 - Mircea Eliade, tratado da história das religiões, op.cit., p. 386.

5 - idem.

*participa, com intensidade variável, na transcendência [...]. É a "... consagração pelos rituais de ascensão e de escalada dos montes ou das escadas deve a sua validade ao facto de inserir o praticante numa região superior celeste. A riqueza e a variedade do simbolismo da ascensão só na aparência são católicas; considerados no seu conjunto, todos estes ritos e símbolos se explicam pela sacralidade da altura, isto é, do celeste"*⁶.

De três⁷ lugares cimeiros da aldeia, soltam-se vozes limpas, emocionadas, apelando aos cristãos, às almas que dormem, que acordem, que orem. Os cânticos expressam tristeza, agonia, ajuízam sobre as raízes da miséria humana, sentimentos que se aliam à consciência da fugacidade do tempo. O texto bíblico ensina que o homem foi modelado do barro, uma origem que indicia fragilidade. Acresce que Deus, ao castigar Adão pela desobediência, lembra que tirado do pó ao pó tornaria. ouve-se na castanheira:

*Acorda, cristão, que és terra,
olha que hás-de morrer [...].*

OU:

*os meus dias foram fumo,
os meus ossos se mirraram
como a flor em seco estio
como as ervas se murcharam.*

os temas do engano e do desengano da vida, da transitoriedade das coisas humanas, justificam o pranto, a voz que brada. Maculado pelo pecado original, o crente escolhe a aproximação a Deus, a fuga ao mundo. *cantam na faia:*

*olha lá não amanheças
como a alma na geada,
que te andam a tentar
os três inimigos da alma.*

6 - *ibidem*, p.345

7 Lê-se: quando se trata de rituais, repetir três vezes uma acção ou uma frase equivale a uma ênfase no que está a ser feito ou dito a ponto de o tornar irreversível. "santo, santo, santo" é uma repetição mágica destinada a fixar a ideia de santidade, tanto no espírito como no objecto ritual. [...] Para os pitagóricos, três era o número perfeito, porque tinha princípio, meio e fim. Pela mesma razão, era o símbolo da divindade como criador. Para não falar do deus dos brâmanes que tinha três cabeças, da crença dos antigos gregos sobre os três destinos, as três fúrias e as três graças. Todavia, o uso mais poderoso do número três encontra-se na descrição da divindade como sendo trina.[...] pai, filho e espírito santo. Cf. Desmond Warley, *sete, o número da criação*, Lisboa, edições 70, 1988, pp. 43, 44.

um sentimento de insegurança nasce da certeza da morte, da crença na vida eterna, do convívio com a dor, cujas raízes se encontram, como referimos, no castigo de Adão e Eva após terem comido a maçã da árvore da sabedoria. o pecado reduziu o homem a nada e com estes cantos/preces, os crentes superam a angústia, sublimam e catarse. de forma poética, vozes tecem e trocam palavras em dança de imagens, prometendo a ascensão a um mundo celestial, pela força do dizer. cantam, rezam, restauram uma ligação essencial; motivadas pelo desejo de operar na realidade, usam códigos formalizados e pelo *logos*, pelo *uerbo* que Deus, ao nomear, criou, o crente **persuade**, diz o pedido e o voto:

*Rezemos um Padre-nosso
Ao senhor ao pé da cruz
que nos guie as nossas almas
para todo o sempre, Amem Jesus.
e seja pelo divino amor de Deus. [faia]*

À senhora de Belém formulam anseio idêntico e rezam uma Ave-

- Maria. extensões da palavra de Deus, a comunidade fê-las canto, repetiu-as, iluminou-as, em determinados momentos, com a riqueza do repertório de determinados criadores/intérpretes anónimos. textos sujeitos a uma evolução ideológica e transformação funcional, como dissemos, em todos emerge a crença no poder da palavra, do canto. estrofes com uma estrutura maioritariamente paralelística, assemelham-se a formas correntes da poesia galaico-portuguesa [e da hebraica e da árabe...], revelam a ressonância de um sentir humano, esbatem fronteiras entre as fés, renouam lugares comuns da retórica. e a fé no poder apaziguador⁸ da palavra, na sua capacidade de operar milagres, gera um discurso que se aproxima do argumentativo⁹, nas orações institucionais. A componente popular tradicional, comumente, usa a expressão reduzida ao essencial; há o predomínio da acção sobre a descrição: *Acordai! Rezemos! Recordai! Lembrai-vos! Alerta! / Hás-de dar contas...*

na verdade, "las palabras de las oraciones con las cuales los seres humanos que lo necesitaban oraron al ser supremo hace miles de años sobreviviieron hasta el presente"¹⁰. A angústia do ser e os dilemas morais permanecem vivos, a par do sonho fáustico de libertação do tempo que a prece revisita individual ou comunitariamente, usando o discurso simbólico. o desejo do crente é o de atenuar a distância relativamente a Deus. em momentos de crise, as orações aumentam: lembram alianças, sustentam o sentimento de coesão, revelam a vontade e a fé na possibilidade de inflectir as deliberações divinas, através do discurso. não reside neste crer a essência dos cantos, da oração? encomendar, libertar as almas

8 - Homero referia-se a palavras que serviam para acalmar a dor dos soldados feridos; um provérbio chinês reitera: uma palavra amiga aquece três invernos.
9 - vejam-se os textos do Padre-nosso e da Ave-Maria...
10 - Mircea Eliade et alii, Metodología de la historia de las religiones, Barcelona, Ed. Paidós, 1966, p.176.

do purgatório é uma forma de recusar o prolongamento do sofrimento e participar na ressurreição dos condenados. esse renascer, o despertar exige que o crente observe o cânone doutrinário. ouve-se em Maçainhas:

*Alerta, cristão, alerta!
Lembra-te que hás-de morrer.
Hás-de dar contas a Deus
do teu bom e mau viver.
[com um Pai-nosso e uma Ave-maria
seja em amor de Deus.]*

*ó almas que estais dormindo
Nesse sono verdadeiro
Lembrai-vos das benditas almas
que estão lá no cruzeiro.*

*ó almas que estais dormindo
Tendes o amor em frente
Lembrai-vos das benditas almas
que estão lá em baixo, à ponte.*

*ó almas que estais dormindo
Acordai, não durmais tanto
Lembrai-vos das benditas almas
Ao divino espírito santo.*

*ó almas que estais dormindo
Nesse sono que desejais
Lembrai-vos das benditas almas
que estão ao lado da igreja.*

*ó almas que estais dormindo
Nesse sono dormitório
Lembrai-vos das benditas almas
que estão lá no cemitério.*

*ó almas que estais dormindo
Nesse sono tão profundo
Lembrai-vos das benditas almas
que estão lá no outro mundo.*

|| A expressão colocada entre parênteses finaliza as quadras até ó almas que estais dormindo/ Acordai com atento./ é rezada em coro.

*ó almas que estais dormindo
Nesse sono dormitório
Lembrai-vos das benditas almas
que lá estão no Purgatório.*

*ó almas que estais dormindo
Acordai com atento
Um Pai-nosso e uma Ave-Maria
Ao santíssimo sacramento*

*ó almas que estais dormindo
Acordai com devoção
Um Pai-nosso e uma Ave-Maria
À sagrada morte e paixão.*

uma análise, ainda que superficial, do texto revela estarmos perante um corpus doutrinário sincrético cujas dissonâncias nos questionam. A crença na vida para além da morte, um fundo comum à maioria das religiões, justifica que se lembre aos cristãos, *as contas a dar a Deus, / do bom e mau viver.*

legítima o apelo às *almas que estais dormindo*, para ajudarem as benditas almas / que estão lá no cruzeiro; [...] lá, em baixo, à ponte; ao divino espírito santo; ao lado da igreja; no cemitério; no outro mundo.

que almas dormem? As que esquecem que a vida humana é uma viagem, que cada acção é avaliada e sancionada pela justiça divina? Afinal, só os santos e mártires têm acesso imediato ao paraíso; as outras almas esperam a ressurreição num espaço de espera, no purgatório, um lugar entre o céu e a terra. As referências a "*cruzeiro, à ponte, divino espírito santo, igreja, cemitério...*" onde se encontram "*benditas almas*" que convidam os passantes a orar para se libertarem do suplício, explicam-se porque se trata de terrenos sagrados? Pela presença de "*alminhas*" que, iconograficamente, representam o purgatório com gentes ardendo¹² em expiação dos pecados?

A evocação [*ó almas que estais dormindo*], mantém-se em toda a composição, mas o texto segue tendencialmente o cânone católico, no Pai-nosso e Ave-Maria, oferecidos ao *santíssimo sacramento*, e *À sagrada morte e paixão*.

Na castanheira, inuocam-se os gritos das almas:

*escutai e ouuireis as almas
que grito dão
Rezemos um Padre-nosso
que o temos de obrigação.*

12 - Não sei que para ali ouvi / Para os lados do nascente / eram as benditas almas / que estão no fogo ardente. In "A Mensagem" de São Miguel.

o Apocalipse de São Paulo descreve o inferno cheio de horrores eternos. Para aliviar as almas do Purgatório, espaço de purificação, os que passam, juntamente com um eu enigmático [eu cá fico], rogam:

*Passageiros que passais
Vós passais e eu cá fico
Rezemos um Padre-nosso
É o que eu mais necessito.*

os temas do pecado, da morte, do Juízo Final são legüeis:

*Acorda cristão que és terra
olha que hás-de morrer,
hás-de dar estreitas contas
do teu bom e mal uiuer.*

[Castanheira e mensagem de São Miguel]

OU:

*Alerta, cristão, alerta
Lembra-te que hás-de morrer
olha que hás-de dar contas a Deus
do teu bom e mau uiuer* [Maçainhas]

Motes que são glosados, na quinta de Gonçalo Martins:

*olha bem cristão
olha que hás-de morrer,
hás-de dar estreitas contas
do teu bom e mau uiuer.*

A vida é curta, o envelhecimento rápido, o gozo da eternidade requer comportamentos sem pecados. Após o óbito, o Anjo São Miguel faz a pesagem das almas, na balança, e delibera quem são os condenados e os eleitos. A biografia de cada crente determina a separação. Como julga o Anjo? O símbolo do Livro da Vida, muito antigo, solta-se.

*Aberto o livro selado
onde tudo está escrito,
onde o mais leve delito
do mundo será julgado.*

lê-se em Daniel: *e naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação, até aquele tempo; mas naquele tempo liurar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar inscrito no livro. [...] e muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e desprezo eterno [...] e tu Daniel fecha estas palavras e*

*sela este liuro, até ao fim do tempo*¹³. o texto do apocalipse aclara: *vejo na mão daquele que se senta no trono um liuro escrito recto e uerso, selado com sete selos...*¹⁴.

No liuro consta a história de um homem, a sua biografia: tem duas colunas: de um lado o bem e do outro lado o mal. Assim:

*Aberto o liuro selado
onde tudo está escrito,
onde o mais leue delito
do mundo será julgado.*

os *delitos* ditarão a sentença. por isso, é necessário suplicar, inflectir a decisão diuina, encomendando as almas:

*Recordai ó pecadores
Desse sono em que estais
Rezemos um Pai-nosso
Às almas dos nossos Pais e seja
seja por amor de Deus.*

*Recordai ó pecadores
Desse sono dormitório
Rezemos um Pai-nosso
Às almas do purgatório e seja
seja por amor de Deus.*

*Recordai ó pecadores
Desse sono tão profundo
Rezemos um Pai-nosso às almas
Às almas do outro mundo e seja
seja por amor de Deus.*

*Miserere*¹⁵ *meu Deus
segundo a Magnífica*¹⁶.
Misericórdia tua [cantam três uezes]. [Castanheira]

pode sempre dizer-se que nestes textos é visível o prazer da rima: “profundo” rima com “outro mundo”; dormitório com “purgatório”... parece-nos, porém, redutor interpretar estes textos exclusivamente à luz da intenção de rimar. cântico popular tradicional, a “encomendação das Almas” preservou sequências enigmáticas, recriou vocábulos; mas porque é um texto sagrado a conservação da palavra exacta é indispensável. qualquer desvio de linguagem

13 - Daniel, 12: 1, 2, 4.

14 - Apocalipse, 5: 1.

15 - Palavra latina que significa: tende piedade. sobreviveu e por analogia com o português metamorfoseou-se em Miserere.

16 - vocábulo de origem latina significa grandeza, glória. ouve-se, neste cântico, deturpada, e dita com o acento do latim eclesiástico. é nome de oração em louvor da virgem Maria e de uma prece popular para afastar trouoadas.

pode ser nefasto e, por isso, se repetem vocábulos, sem a preocupação de buscar sentido para o mistério. A linguagem é sagrada, as palavras têm poder e é necessário respeitá-las e proferi-las como foram recebidas dos antepassados, para que produzam o efeito desejado. Porém, vislumbrado o insólito do apelo "acordai", substituíram-no, às vezes, por "recordai", palavra fonologicamente próxima e mais consentânea com uma descodificação da mensagem: *recordai as almas dos nossos pais e as do outro mundo* que penam no purgatório. O significado mantém-se ambíguo. Todavia, a vulgarizar-se, a impor-se esta opção, esbater-se-á o indicio presumível da função primitiva do ritual: *acordar*, despertar, fazer desabrochar, ressuscitar a natureza, do sono, pedindo ajuda aos antepassados que partilham o mesmo mundo. A Primavera, como referimos, é o tempo das sementes, enterradas durante o inverno, germinarem e crescerem estimuladas pelo calor. *Recordai* situa-se mais próximo dos princípios que norteiam o canto pelas almas: reforça o pedido de oração, para a sua ressurreição, depois de purificadas no purgatório.

verificamos, na verdade, que há um casamento, uma ligação entre textos bíblicos que veiculam doutrinas, preceitos e temas, e os excertos de raiz popular que povoam as composições que referimos. Património revelador da unidade psicológica da espécie humana, do caminho da humanização, da espiritualidade (para além de raças, épocas, tradições), testemunha o vínculo entre as religiões, a unidade evidente na linguagem religiosa: "*las formas superiores de la fé, la mística más sutil, así como las formas proféticas más vigorosas, hablan constantemente, el lenguaje de la religión, mágica, primitiva, sin conciencia de ello*"¹⁷.

em tom laudatório, suplicativo, penitencial, estas composições conseruam e transmitem velhas tradições, desejam tornar estável, durável, obrigatória a palavra de criação divina e garantir uma prática religiosa concebida como modelo.

são cerimónias que se realizam à margem da igreja. legitimar ou ilegitimar uma cerimónia prende-se, essencialmente, com a aceitação pela religião institucional, pela integração, ou não, de um cânone doutrinário. ora, o *corpus* que analisámos não se enquadra em nenhum credo institucional. são devoções, textos considerados heterodoxos, marcados pelo sincretismo religioso. mas como escreveu Mircea Eliade: *o que se chama sincretismo observa-se ininterruptamente em todo o curso da vida religiosa. não há génio agrário rural, nem deus tribal que não seja o longo termo de um longo processo de assimilação e de identificação às formas divinas vizinhas [...], fusões que não se podem imputar exclusivamente às circunstâncias históricas, o processo opera-se em virtude da própria dialéctica das hierofanias quer ela se ache ou não em contacto com uma forma real análoga*¹⁸.

17 - José Manuel Pedrosa, *entre la magia y la religión: oraciones, conjuros, ensalmos*, Guipúzcoa, Sandoa editores, 2000, p.17.

18 - Mircea Eliade, *tratado de história das religiões*, Lisboa, ASA, 1992, p. 569.

A encomendação das almas associa palavras nascidas no coração dos crentes que, em grupo, cruzaram orações populares e institucionais, mantendo o lastro humano de pedido, súplica, louvor e agradecimento à divindade.

Na quinta de Gonçalo Martins, reflecte nitidamente o que definimos. O texto para além de lembrar que, após a morte, as acções do ser humano são julgadas, especifica *os inimigos da alma*, as tentações que cercam as gentes. Ilustram: o primeiro é o *mundo*; o segundo é o *demónio*; o terceiro é a *carne*. A cosmouisão que a contra reforma expandiu sobreuiu. Com o lema *lembra-te que és homem e nada podes* [*Hominem te esse cogita*] introduziu um credo que redundou na desistência do crente relativamente à aspiração do conhecimento material do mundo. Ao ser humano, maculado pelo pecado original, diuidido, efémero, uiuendo em mundo de enganos, sujeito a tentações diabólicas, com o pecado da carne a imperar, só a aproximação a deus garante a saluação da alma. Esta uisão pessimista, de gentes possuídas pelo desencanto que apelaua à submissão, ao sacrifício, à repressão interiorizada, perpetuou-se com breues alterações, atraués dos tempos. Confirmamo-la, ouuimo-la nestas quadras e prantos. Descreuem-se as almas do purgatório que *gritam, dão ais*, e a necessidade de aluiar o padecimento dos que penam. Inuocam santo António, célebre por ser uencedor das tentações, e São Miguel o Anjo que pode libertar das garras de *Lúçifer*. Dedicam-lhes um padre-nosso. Síntese da doutrina de bem uiuer e bem morrer, as vozes da quinta teceram um cântico reuelador de um credo uizinho do institucional.

A assimilação pela doutrina católica aconteceu, como uerificamos, mas a cerimónia é considerada pagã pela igreja. E todauia...

escreue Moisés Espírito Santo que "...cabe aos fenícios o prestígio de terem difundido o culto de Tamouze - Adonis babilónico em todo o Mediterrâneo"¹⁹. Este deus era um jovem tido como saluador que renascia anualmente, resgatado por Istar, após uma viagem iniciática ao inferno²⁰. Acrescenta que a morte e a ressurreição de Tamouze eram celebradas anualmente para tornar possível a renouação da uida, e "...todo o Médio oriente e o Mediterrâneo fenício, tomauam o luto durante três dias, segundo os testemunhos coeuos. [...] Deambulauam procissões pelas ruas, cantando elegias e loas em honra do saluador; representauam-se cenas teatrais sobre a sua epopeia e as consequências benéficas do seu sacrifício. O costume mais fielmente seguido e que chamaua a atenção de todos eram os jardins efémeros, uasos de Adónis ou jardins de Adónis, como lhes chamaram os gregos: na madrugada do primeiro dia dos prantos, as cidades e aldeias apareciam recheadas de uasos com plantas frescas salpicadas de uermelho, que ornauam as ruas e praças, janelas, telhados, templos, todos os espaços da uida social e de conuiuio

19 _ Moisés Espírito Santo, *origens do cristianismo*, Lisboa, ISEL, universidade Nova de Lisboa, 2001, p.18.

20 _ Também é dogma do concílio de Trento que Jesus, antes de ressuscitar, desceu aos infernos para resgatar os justos. De resto, a oração credo incluiu até aos anos 70 do século XX: creio em Jesus Cristo... foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos... ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; subiu aos céus onde está sentado à direita de Deus Pai".

[...] No último dia dos Prantos montava-se um cadafalso nos templos e nos lugares altos com a imagem do deus morto e velava-se de madrugada organizava-se uma procissão fúnebre [...]. No dia seguinte os sacerdotes anunciavam que o senhor ressuscitou e o ambiente passava a ser de euforia"²¹.

em celebrações realizadas, quando a renovação da natureza permitia a esperança consagrava-se a ressurreição. Existem semelhanças entre estes cultos antiquíssimos e as manifestações de religiosidade popular que sobreviveram em espaços rurais à margem da igreja. Algumas, difíceis de erradicar, foram objecto de disposições conciliares. As disposições de Trento, relativamente a procissões, a avaliar pelo que estipulam e proíbem, permitem que se presuma o carácter dramático que envolvia estas manifestações religiosas ao ar livre. Depois de definida a hierarquia de andores, os lugares dos participantes, os percursos, as paragens... lemos nas constituições sinodais do Bispado da Guarda: "...mandamos que nas [procissões] que no nosso bispado se fizerem, se não consintam figuras ou representações lasciuas, e desonestas, ou quaisquer outras profanas [...]"²².

ordenam que "...não uão nas procissões mulheres, que representem santas, nem pelas ruas, e janelas tenham figuras ou pinturas lasciuas, e desonestas," sob pena de excomunhão maior.

especificam "Proibimos [...] que nas procissões que se fizerem quinta-feira santa, ou em quaisquer outras, nem em outros lugares de procissões, se representem autos, ou diálogos da paixão. Nas ditas procissões que se fizerem na semana santa em qualquer dela se consintam figuras uiuas dentro, nem fora das igrejas posto que sejam de santos, ou coisas diuinas"²³.

Acresce que qualquer procissão, efectuada sem a presença do pároco, caía igualmente sob a alçada da excomunhão.

O concílio de Trento definira o código da ortodoxia. As constituições sinodais adequaram-se à nova doutrina. Foram divulgadas junto do clero que as pregou aos fiéis. Ainda assim, apesar das sanções dissuasoras, práticas tradicionais de uma cultura rural perduraram. Que dizer, por exemplo, das procissões da semana santa, em que as três Marias são imprescindíveis? quantas *figuras ao uiuo* desfilam? *quantos quadros uiuos* são criados na quaresma? como e por que se mantiveram martírios, ladainhas, a *encomendação das almas*? *os Penitentes*? *Autos da Verónica*...

com a ausência de sacerdotes, a celebração de autos, criação de quadros uiuos, participação de mulheres representando santas, encomendações, penitentes, sobreviveram, na beira, séculos depois da publicação das constituições que citámos, reuelando que o sagrado popular é menos profano do que se crê. Fortes convicções religiosas caldeadas em fazeres ancestrais garantiram a sua sobrevivência. em comunidades rurais, "...uma festa ou é da Primavera, ou das colheitas, ou do inuerno. [...]o que dá o tom ou o carácter à festa é tão só o estado da natureza ou da uegetação"²⁴.

21 - Moisés Espírito Santo, origens do cristianismo português, op. cit., pp.83, 84 e sgts.

22 - constituições synodales do Bispado da Guarda, oficina de Miguel Deslândes, 1621, 1686, 1725, p. 142.

23 - idem, ibidem, p.220.

24 - Moisés Espírito Santo, origens orientais da religião popular portuguesa, Lisboa, Assírio e Alvim, 1991, p.151.

por isso o calendário e o conteúdo das festiuidades foram respeitados e cumpridos, de geração em geração, guardando reminiscências de antigos cultos, de antigos rituais. Nem a pena de excomunhão teve os efeitos que se presumiam. A clandestinidade das práticas de religiosidade popular teve outras seduções; a crença num deus de salvação mais próximo, no diálogo que estabeleciam durante as celebrações em que festejavam as dádivas divinas, suplicavam protecção, agradeciam os favores, era mais consentânea com a coesão comunitária, com o seu saber e fazer de entreatura e de fraternidade.



EM SUMA...

Na quadragésima, realizam-se rituais para favorecer em bem-estar a vida da comunidade. A natureza renasce, as sementes acordam. com a renovação do tempo, a vida regenera-se e, expulsos os pecados, libertando almas dos que penam, dos que dormem, também a comunidade se reuiuifica.

Não será, pois, por acaso que a quadra da páscoa da ressurreição coincide com a Primavera, com o renascimento da natureza. o calendário litúrgico e o calendário agrícola afeiçoaram-se. então, os fiéis celebram acontecimentos trans-históricos que sentem como seus contemporâneos, visto que o tempo teofânico se torna presente. Reflectindo sobre estes rituais, aceitamos que os símbolos das cerimónias da quaresma, da páscoa, são sobrevivências de diálogos que o homem manteve com divindades da fecundidade, destinados a aumentar o rendimento da terra.

Por exemplo, quando comemos as amêndoas, iconograficamente tão próximas dos ovos, quando as/os usamos para enfeitar a mesa da páscoa, talvez esqueçamos que "*... não se explica a virtude do ritual do ovo por uma valorização empírico-racionalista do ovo considerado gérmen: a sua justificação está no símbolo que o ovo encarna e não se refere tanto ao nascimento quanto a um re-nascimento reflectido de acordo com o modelo cosmogónico*"²⁵. o ovo garante a repetição da criação.

em todo o curso da vida religiosa, se observam práticas marcadas pelo sincretismo, que se alteraram, desenvolveram, apuraram. e sabemos que na quaresma, oficiantes das encomendações das Almas celebram tão só a paixão do senhor; a páscoa é o momento da ressurreição. nas festas da fé renovadoras de elos de fraternidade, em lamentos, hinos de confiança, cerimónias que a ortodoxia desmerece, os cânticos desocultam o sentir religioso, a humildade humana, louvam o mistério e a ordem da vida.

Maria Antonieta Garcia



| GRUPO DE CANTARES
"A MENSAGEM" DE S. MIGUEL |



| GRUPO DE CANTARES
"CAMPONESES DE ALDEIA DO BISPO" |



| GRUPO DE ENCOMENDAÇÃO
DAS ALMAS DA CASTANHEIRA |



| GRUPO DE ENCOMENDAÇÃO
DAS ALMAS DA FAIA |



| GRUPO DE CANTARES
"ONTEM, HOJE E AMANHÃ" DE MAÇAINHAS |



| GRUPO DE ENCOMENDAÇÃO
DAS ALMAS DO MARMELEIRO |



| GRUPO "VOZES DA QUINTA"
DA QUINTA DE GONÇALO MARTINS |

ficha técnica:

título: encomendação das Almas no concelho da Guarda -
A singularidade de uma tradição secular

coordenação: Alexandra Isidro

produção: Ana Leonor Pereira da Silva e Ana Maria Barbosa

textos: Maria Antonieta Garcia e Cónego Manuel Geada Pinto

fotografia: Arménio Bernardo

agradecimentos: Grupo de cantares "A Mensagem" de S. Miguel

Grupo de cantares "Camponeses de Aldeia do Bispo"

Grupo de cantares "Ontem, Hoje e Amanhã" de Maçainhas

Grupo de encomendação das Almas da Castanheira

Grupo de encomendação das Almas da Faia

Grupo de encomendação das Almas do Marmeleiro

Grupo "Vozes da Quinta" da Qtª de Gonçalo Martins

e a todos os que colaboraram, de alguma forma,

para que esta publicação fosse possível

design e paginação: Rui Coelho

impressão e acabamento: Marques e Pereira

depósito legal: 307726/10

ISBN: 978-989-8216-25-0

tiragem: 1000 exemplares

Março 2010

A reprodução total ou parcial desta publicação, por qualquer meio, não autorizada por escrito pelo editor, é ilícita e passível de procedimento judicial nos termos da lei.

